



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**CYBER AGRESSÃO: O PAPEL DA EMPATIA E DO  
DESCOMPROMETIMENTO MORAL**

Trabalho submetido por  
**Rafaela Fernandes Morgado**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

**novembro de 2021**





**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**CYBER AGRESSÃO: O PAPEL DA EMPATIA E DO  
DESCOMPROMETIMENTO MORAL**

Trabalho submetido por  
**Rafaela Fernandes Morgado**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por  
**Prof. Doutora Cristina Branca Bento de Matos Soeiro**

**novembro de 2021**



*“Where everyone is responsible, no one is really responsible”*

Albert Bandur



## **Agradecimentos**

Obrigada,

À minha família, e aos amigos que são família. Constantemente a provarem-me que o essencial são as pessoas.

Ao meu pai, espero que estejas orgulhoso.

À minha mãe, que é o ser humano mais bonito que eu conheço.

À Gabi, a minha eterna companheira, a minha maria madalena, e ao seu incrível David, o irmão que eu ganhei.

Ao darlingzinho, o meu querido avô, por ti faço o impossível, vou até ao fim do mundo e volto.

À avó Cidália, por todo o amor e carinho que só tu sabes dar.

À minha querida avó Chica, vou guardar as tuas recordações por ti e lembrar-te delas sempre que me pedires.

Ao avô Pedro, o resistente a tudo.

Ao Nuno, o nosso companheiro de casa, de quem vou sempre precisar.

À Ninocas, a minha eterna melhor amiga.

Ao meu Pedro pequeno que me fascina todos os dias, e ao Armindo pelo incrível pai que é.

A ti Love, pelo amor e companheirismo.

À minha Juja, por tudo e por mais alguma coisa, perpetuamente.

À minha Janeca, pela terapia conjunta, pelos desabafos, pela partilha da dor e do humor como só nós sabemos.

À Sara, a minha sister from another mister.

À minha magnífica psicóloga, Carla, sem ti este ano teria sido uma tragédia grega ao mais alto nível (mais do que foi, parece impossível eu sei). Obrigada por me lembrares, vezes sem conta, de quem eu sou, e de me ires buscar ao fundo do poço da minha ansiedade. Realmente a psicologia salva vidas.

E por fim, mas não menos importante, à minha orientadora, Cristina Soeiro, pela paciência e compreensão. Obrigada pela segunda oportunidade.

E ao Instituto Universitário Egas Moniz, que passados tantos anos me permitiu acabar esta jornada, finalmente.



## **Resumo**

A cyber agressão pode ser definida como um comportamento intencional, iniciado por uma cyber comunicação ou cyber ação, que tem como objetivo causar dano a outra pessoa ou grupo, e que é percebido como aversivo para a vítima. A empatia e o descomprometimento moral, como variáveis importantes envolvidas nas interações interpessoais, podem impactar esta interação e influenciar o comportamento dos envolvidos, inibindo ou promovendo comportamentos agressivos. O presente estudo tem como objetivo uma melhor compreensão da cyber agressão e da forma como esta se relaciona com os construtos de empatia e os mecanismos do descomprometimento moral, ou seja, como é que estes influenciam o cometimento de comportamentos agressivos no contexto online. A amostra é constituída por 131 participantes com idades compreendidas entre os 16 e os 65 anos. Os instrumentos utilizados foram o Cyber-Aggression Typology Questionnaire (CATQ), que permitiu avaliar os comportamentos de cyber agressão, o Questionário de Empatia Afetiva e Cognitiva (QEAC), que permitiu avaliar o nível de empatia, e o Moral Disengagement through Technology Questionnaire (MDTQ), que avalia o descomprometimento moral em contexto online. Os resultados gerais revelaram um baixo nível de cyber agressão na população em estudo, contudo revelaram uma relação entre o descomprometimento moral e a cyber agressão. Já o construto de empatia não se relacionou com nenhuma das variáveis de cyber agressão ou descomprometimento moral.

*Palavras chave:* Cyber Agressão; Empatia; Descomprometimento Moral; Ciberespaço; Online.



## **Abstract**

Cyber aggression can be defined as intentional behavior, initiated by cyber communication or cyber action, which aims to harm another person or group, and which is perceived as aversive to the victim. Empathy and moral disengagement, as important variables involved in interpersonal interactions, can impact this interaction and influence the behavior of those involved, inhibiting or promoting aggressive behavior. This study aims to better understand cyber aggression and how it relates to empathy constructs and the mechanisms of moral disengagement, that is, how they influence the commitment of aggressive behavior in the online context. The sample consists of 131 participants aged between 16 and 65 years. The instruments used were the Cyber-Aggression Typology Questionnaire (CATQ), which allowed the assessment of cyber aggression behavior, the Affective and Cognitive Empathy Questionnaire (QEAC), which allowed the assessment of the level of empathy, and the Moral Disengagement through Technology Questionnaire (MDTQ), which assesses moral disengagement in an online context. The overall results revealed a low level of cyber aggression in the study population, however they revealed a relationship between moral disengagement and cyber aggression. The empathy construct was not related to any of the cyber aggression or moral disengagement variables.

*Keywords:* Cyber Aggression; Empathy; Moral Disengagement; Cyberspace; Online.



## Índice

|                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução .....                                                         | 11 |
| A cyber agressão.....                                                    | 13 |
| A empatia.....                                                           | 17 |
| O descomprometimento moral .....                                         | 19 |
| O presente estudo .....                                                  | 23 |
| Método.....                                                              | 25 |
| Participantes.....                                                       | 25 |
| Instrumentos.....                                                        | 26 |
| <i>Cyber-Aggression Typology Questionnaire (CATQ)</i> .....              | 27 |
| <i>Questionário de Empatia Afetiva e Cognitiva (QEAC)</i> .....          | 29 |
| <i>Moral Disengagement through Technology Questionnaire (MDTQ)</i> ..... | 31 |
| Procedimento .....                                                       | 31 |
| Resultados.....                                                          | 33 |
| Cyber Agressão.....                                                      | 33 |
| Empatia .....                                                            | 35 |
| Descomprometimento Moral .....                                           | 37 |
| Relação entre Cyber Agressão, Empatia e Descomprometimento Moral.....    | 39 |
| Discussão .....                                                          | 41 |
| Conclusão .....                                                          | 45 |



## **Índice de Tabelas**

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1. Análise descritiva da escala CATQ.....          | 33 |
| Tabela 2. Análise descritiva da escala QEAC.....          | 35 |
| Tabela 3. Análise descritiva da escala MDTQ.....          | 37 |
| Tabela 4. Relação entre as escalas CATQ, QAEC e MDTQ..... | 40 |



### **Glossário**

CATQ – Cyber-Aggression Typology Questionnaire

QEAC – Questionário de Empatia Afetiva e Cognitiva

MDTQ – Moral Disengagement through Technology Questionnaire



## Introdução

A tecnologia alterou a forma como operamos e interagimos com os outros, e a acessibilidade à internet através de telemóveis, tablets e computadores tornou-se uma parte integral do nosso dia-a-dia (Zhong et al., 2020). As redes sociais e aplicações com ligação à internet, principalmente, têm um papel importante na vida diária das pessoas, permitindo-as partilhar informação e interagir com outras pessoas de qualquer parte do mundo e a qualquer hora (Ge, 2020).

De acordo com Suller (2004), a internet é um contexto social com condições estruturais únicas onde muitos usuários envolvem-se em atividades que, de alguma forma, se desviam do seu comportamento habitual no mundo “real” (Antoniadou et al., 2019). Enquanto estão no ciberespaço, as pessoas podem exibir comportamentos mais desinibidos (Suller, 2004), ou seja, têm tendência a sentir menos inibição e preocupação sobre as consequências das suas ações (Antoniadou et al., 2019; Gámez-Guadix et al., 2020; Wright, 2020; Wright & Li, 2013).

Apesar dos inúmeros benefícios da internet, esta também tem o seu lado menos positivo. As características inerentes ao contexto online ou ciberespaço, como a invisibilidade, a publicidade, a ausência de limites de espaço e tempo, podem facilitar comportamentos agressivos, como a cyber agressão.

A cyber agressão pode ser definida como um comportamento intencional, iniciado por uma cyber comunicação ou cyber ação, que tem como objetivo causar dano a outra pessoa ou grupo, e que é percebido como aversivo para a vítima (France et al., 2013; Schoffstall & Cohen, 2011; Ybarra & Mitchell, 2004; Zimmerman & Ybarra, 2016).

Vários processos sociocognitivos podem inibir ou facilitar a perpetração da agressão em contexto online (Almeida et al., 2010). Neste contexto, a incapacidade de ver e perceber o outro, pode traduzir-se numa menor transmissão de pistas sociais e emocionais, resultando na diminuição dos níveis de empatia e até no raciocínio moral tendencioso, e resultar numa mudança de comportamento que não seria expectável numa situação “não virtual”. As investigações nesta área dão especial atenção aos efeitos protetores da empatia e aos efeitos negativos do descomprometimento moral no contexto online (Del Rey et al., 2016; Marín-López et al., 2020; Runions & Bak, 2015; Whittaker & Kowalski, 2015).

A maioria da investigação relativa à cyber agressão está direcionada para as crianças, adolescentes ou jovens adultos, mas existe evidência que a cyber agressão também é um problema na população adulta (France et al., 2013), contudo peca pela falta

de investigação. Por esse facto, e com o objetivo de contribuir para a literatura neste sentido, este estudo incide primordialmente no estudo da população adulta.

Sendo a cyber agressão um fenómeno complexo, cada vez mais frequente e inerente a qualquer género, género ou faixa etária, é importante que sejam explorados os seus mecanismos e identificados os fatores individuais que tenham influência no cometimento deste ato. presente investigação tem, por isso, como objetivo uma melhor compreensão do fenómeno da cyber agressão, e perceber se fatores individuais, como a empatia e o descomprometimento moral, têm impacto neste fenómeno.

### **A cyber agressão**

A cyber agressão pode ser definida como um comportamento intencional, iniciado por uma cyber comunicação ou cyber ação, que tem como objetivo causar dano a outra pessoa ou grupo, e que é percebido como aversivo para a vítima (France et al., 2013; Schoffstall & Cohen, 2011; Ybarra & Mitchell, 2004; Zimmerman & Ybarra, 2016). O dano pode ser provocado através de vários métodos como a exclusão, ostracização, stalking, assédio, fraude, difamação, e através de meios tecnológicos como o email, salas de chat, aplicações de mensagens instantâneas, redes sociais e blogs (Schoffstall & Cohen, 2011; Whittaker & Kowalski, 2015).

Apesar deste termo se confundir numerosas vezes com o termo de cyberbullying, um número de fatores conduziu à conclusão que a cyber agressão é um termo e conceito mais apropriado (Corcoran et al., 2015; Pyzalski, 2012). Segundo Grigg (2010), o termo cyberbullying levanta um número de dificuldades, visto que implica que o comportamento no ciberespaço seja equivalente ao bullying, que por sua vez respeita alguns critérios que podem não se enquadrar na cyber agressão (Corcoran et al., 2015). Como por exemplo, o comportamento agressivo através do ciberespaço, pode ocorrer apenas uma vez ou com pouca frequência e não necessita de um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor (Schoffstall & Cohen, 2011). Na definição de cyberbullying, Grigg (2010) defende que há pouca evidência que sugira que os cyberbullies têm habilidades tecnológicas superiores, e sugere também que há falta de clareza no que concerne ao autor da responsabilidade, se os cyberbullies ou os observadores, quando a repetição adquire a forma de repetidas visualizações de conteúdo humilhante ou danoso (Corcoran et al., 2015).

Considerando a ampla variedade de atos negativos que podem acontecer no ciberespaço, Grigg privilegiou o termo cyber agressão e definiu-o como “dano intencional, através do uso de meios eletrónicos, contra uma pessoa ou grupo independentemente da sua idade, que entende esse ato como ofensivo, depreciativo, danoso ou indesejado” (Corcoran et al., 2015). Esta definição pressupõe que a forma de agressão existente no ciberespaço deve ser vista de uma forma mais abrangente e ampla, e não se enquadrar apenas nas definições do cyberbullying.

A severidade da cyber agressão prende-se, principalmente, às características do contexto online, ou seja, a invisibilidade, publicidade, e a ausência de limites e de espaço e tempo, que podem aumentar os sentimentos de sofrimento, ansiedade e depressão das vítimas (Slonje et al., 2013). Vários estudos mostram que a cyber violência (incluindo o

cyberbullying, o cyber assédio, a cyber agressão e o online shaming) está associada à pobre saúde física e psicológica, má performance académica, comportamento delinquente, e ideação suicida (Whittaker & Kowalski, 2015; Ybarra & Mitchell, 2004).

A cyber agressão não é limitada por um espaço ou tempo, pois pode ocorrer a qualquer momento e pode atingir as vítimas onde quer que elas estejam. O material partilhado online é difícil de remover, e por isso o ataque pode perdurar por tempo ilimitado (Dooley et al., 2009; Lo Cricchio et al., 2020; Marín-López et al., 2020; Slonje et al., 2013; Ybarra & Mitchell, 2004) o que implica que o conteúdo danoso pode ser partilhado, repetido e até guardado num dispositivo eletrónico, provocando assim o contínuo sofrimento da vítima (Hilvert-Bruce & Neill, 2020; Marín-López et al., 2020). O ciberespaço permite também que haja uma audiência ilimitada, e por isso outras pessoas podem facilmente testemunhar, partilhar e repetir os ataques. Finalmente, a invisibilidade permitida pelo ciberespaço está associada à falta de feedback direto sobre as consequências emocionais sofridas pela vítima, e assim a uma menor oportunidade de empatizar com as mesmas (Lo Cricchio et al., 2020; Slonje et al., 2013).

Apesar da recente atenção prestada a este fenómeno, existem poucas medidas que identifiquem os comportamentos agressivos no contexto online (Runions et al., 2017). Runions (2017) propõe um modelo que permite distinguir entre quatro tipos de cyber agressão, que se baseiam na motivação para o cometimento destes atos: a recreação, onde os comportamentos de cyber agressão surgem espontaneamente, sem a idealização das suas consequências a longo prazo e apenas com o objetivo de satisfação imediata; a recompensa, que reflete comportamentos controlados e que têm como objetivo a obtenção de algum status social ou consequência positiva para o autor dos mesmos; a raiva, que reflete comportamentos de reação a uma provocação, sem que haja muito controlo; e a vingança, que normalmente está mais associada às vítimas, e reflete um comportamento agressivo como resposta a um ato tido como provocatório, mas de uma forma mais controlada e pensada. Para além da identificação de comportamentos agressivos no ciberespaço, este modelo permite também que se percebam as suas motivações, o que pode provar-se uma mais valia em termos de intervenção e estratégias de prevenção do fenómeno da cyber agressão.

Como a maioria da investigação relativa à cyber agressão está direcionada para as crianças, adolescentes ou jovens adultos, as estatísticas relativas a este fenómeno pendem, na sua maioria, para a população mais jovem e mostram uma lacuna relativamente ao estudo de população de faixas etárias superiores. Ybarra e Mitchell (2004) reportaram

que 14% de indivíduos, com idades compreendidas entre 10 e 17 anos, afirmaram já terem assediado ou humilhado alguém online, e Beran e Li (2005) reportaram que 3% dos estudantes, entre o 7º e 9º ano, admitiram envolver-se em comportamento de cyber agressão (Schoffstall & Cohen, 2011).

Relativamente ao género, os resultados são bastantes díspares. Há estudos que não encontraram diferenças entre géneros na perpetração de comportamentos de cyber agressão (Schoffstall & Cohen, 2011), mas algumas investigações mostram que o género feminino tem mais propensão para a perpetração de cyber agressão (Parlangeli et al., 2019), e outras que o género feminino tem mais probabilidade de se tornar um alvo de cyber agressão do que o género masculino (Duggan, 2017; Pacilli & Mannarini, 2019 in Paciello et al., 2021). Também um relatório recente mostra que quase um quarto das mulheres em 8 países já experienciaram abuso ou assédio online pelo menos uma vez (Amnesty International, 2017 in Paciello et al., 2021).



## **A empatia**

A empatia é um conceito antigo abordado por diferentes ciências humanas, e um foco de pesquisa e estudo em constante desenvolvimento. Existe, por isso, um número bastante vasto de definições e falta de consenso sobre a sua natureza e definição.

Eisenberg e Miller definem a empatia como um estado afetivo ligado à capacidade de partilhar o estado emocional ou condição do outro, uma definição que denota a dimensão afetiva/emocional da empatia, que inicialmente era a única dimensão considerada (Miller & Eisenberg, 1988).

Outra definição corrente e bastante mais inclusiva é da autoria de Cohen e Strayer (1996), que definem a empatia como “a habilidade de compreender e partilhar o estado ou contexto emocional do outro”(Jolliffe & Farrington, 2004; Reniers et al., 2011). O que faz desta última uma definição particularmente abrangente é o reconhecimento de que a empatia pode ser compreendida segundo dois construtos, uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva.

A componente cognitiva da empatia pode ser definida como a capacidade de reconhecer e compreender os sentimentos e a perspetiva do outro (Blair, 2005 in (Cuff et al., 2016), já a componente afetiva da empatia refere-se à partilha e experimentação do estado emocional do outro (Almeida et al., 2010; Jolliffe & Farrington, 2004, 2006), com a capacidade individual de experienciar uma resposta emocional em reação aos sentimentos observados no outro (Ouvrein et al., 2018). Como tal, a empatia afetiva refere-se à responsividade emocional e a empatia cognitiva à compreensão.

Após uma metanálise sobre a conceptualização de empatia, Cuff et al. (2016) definiram a empatia como “uma resposta emocional (afetiva), dependente da interação entre traços de capacidades e estados de influência. Os processos empáticos são automaticamente provocados, mas também moldados por processos de controlo. A emoção resultante é similar à perceção do outro (experimentado diretamente ou imaginado) e compreensão (empatia cognitiva) da emoção-estímulo, com o reconhecimento de que a fonte da emoção não é sua”.

Esta definição de que a empatia se pode contextualizar nestes dois processos não é do consenso de todos os investigadores, contudo é a definição mais adotada pela investigação contemporânea.

Apesar da falta de consenso no que concerne à sua contextualização, parece haver acordo sobre certos aspetos da empatia. Um dos aspetos diz respeito à aceitação de que a empatia é um fator de diferença individual, ou seja, varia entre indivíduo (Jolliffe &

Farrington, 2004; Miller & Eisenberg, 1988), outro aspeto prende-se com o facto de vários investigadores acreditarem que a empatia pode ser medida e que com os instrumentos certos esta medida pode ser válida e confiável, e por último, está implícito em todas as investigações e pesquisas que este construto tem influência no comportamento humano (Cuff et al., 2016; Miller & Eisenberg, 1988; Petersen, 2020).

Estudos focados na empatia têm concluído constantemente que a falta deste construto está envolvida na qualidade das relações interpessoais, pois impede interações harmoniosas com os outros (Marín-López et al., 2020; Segura et al., 2020).

Os défices de empatia têm, também, sido associados à dificuldade do indivíduo estabelecer interações sociais positivas e a um aumento de conflitos interpessoais (Almeida et al., 2010; Segura et al., 2020), com tendência a terem mais comportamentos antissociais, pois não compreendem o dano causado ao outro como consequência do seu comportamento nocivo, havendo, também, uma grande probabilidade deste comportamento ser repetido (Jolliffe & Farrington, 2006). Vários autores salientam o contributo da empatia na redução da agressividade e na promoção do comportamento prossocial (Espejo-Siles et al., 2020; Jolliffe & Farrington, 2004; Marín-López et al., 2020).

Em circunstâncias normais, os processos de empatia afetiva e cognitiva interagem de forma a produzirem respostas empáticas (Runions, 2013). No contexto online, a incapacidade de ver e perceber o outro pode resultar numa menor transmissão de pistas sociais e emocionais, bloqueando a ativação dos processos da empatia afetiva (Runions & Bak, 2015), resultando na diminuição dos níveis de empatia, e até no raciocínio moral tendencioso (Runions & Bak, 2015). Um estudo feito em 2019 mostrou que indivíduos com um nível mais elevado de empatia têm menos propensão a comportamentos agressivos em contexto online (Soldatova & Rasskazova, 2019).

A componente afetiva da empatia, descrita como a capacidade de responder emocionalmente ao sentimento dos outros, é descrita como um amortecedor para a cyber agressão (Ouvrein et al., 2018), e há estudos que já confirmaram o impacto protetor desta subescala da empatia em fenómenos como o cyberbullying (Renati et al., 2012).

Comparando os níveis de empatia afetiva em adolescentes, no cyberbullying, em quatro papéis diferentes (não envolvido, vítima, agressor e vítima-agressor), Renati et al. (2012) apurou níveis mais baixos de empatia afetiva para os cyberbullies. Estes baixos níveis de empatia podem ser ainda mais baixos quando as vítimas se tratam de pessoas desconhecidas (Pornari & Wood, 2010).

Já a relação entre a empatia cognitiva e a cyber agressão parece variar consoante a medida de empatia utilizada (Miller & Eisenberg, 1988), contudo a maioria dos estudos não conseguiram encontrar relação entre esta componente e a cyber agressão (Ouvrein et al., 2018; Renati et al., 2012). A dimensão cognitiva da empatia parece poder ser inibida por um número de fatores enquanto no ciberespaço, incluindo os fatores tempo e anonimato, visto que tudo ocorre de forma bastante mais rápida na internet e nem sempre é conhecida a identidade dos seus usuários (Parlangeli et al., 2019)

Apesar da ideia popular de que o uso das redes sociais e aplicações está relacionado de forma negativa com a empatia, alguns investigadores chegaram a conclusões diferentes. Um estudo longitudinal realizado por Vossen e Valkenburg (2016), que examinou a relação entre a empatia e o uso de redes sociais, mostrou que o uso de redes sociais ao longo do tempo está positivamente relacionado com o aumento de empatia cognitiva e afetiva, aumentando a capacidade de compreensão e partilha de sentimentos (Petersen, 2020).

### **O descomprometimento moral**

A contradição entre certos comportamentos e os valores defendidos por um individuo foi uma temática muito trabalhada por Bandura, que defende que existem estratégias de distorção cognitiva de perceção da realidade que incentivam a transgressão de normas, a desinibição da agressividade e comportamentos desumanos, convertendo assim um comportamento violento num ato aceitável segundo a perspetiva de quem se envolve nestes processos (Bandura, 2002, 2017).

Uma parte significativa do trabalho de Bandura (1996, 1999, 2002) dedicou-se, também, ao estudo da agressão e da violência humana, tendo este autor defendido que a vergonha e a culpa são emoções desconfortáveis, e por isso as pessoas utilizam estratégias para evitar esses sentimentos. Para explicar os mecanismos psicológicos subjacentes a estas estratégias, Bandura (1996) desenvolveu o conceito de descomprometimento moral ou “moral disengagement”, descrito como os mecanismos que as pessoas utilizam com o intuito de justificar o seu comportamento prejudicial, a fim de se libertarem das sanções resultantes.

O conceito de descomprometimento moral remete para um conjunto de mecanismos sociocognitivos através dos quais os indivíduos justificam ações prejudiciais e moralmente repreensíveis, de forma a preservar a sua autoimagem (Bandura et al., 1996). O descomprometimento moral pode ser, assim, utilizado para justificar ações

antissociais, de forma a diminuir a culpa/censura relativamente aos atos prejudiciais (Bandura, 2002, 2017; Bandura et al., 1996).

Ao todo, Bandura (1990, 2002) fez a distinção de oito mecanismos de descomprometimento moral: (1) Justificação moral: a conduta prejudicial é aceitável, pela reestruturação cognitiva dos comportamentos para que sejam socialmente aceitáveis, através da finalidade moral e social diga que lhes é atribuída; (2) Linguagem eufemística: a conduta danosa é suavizada através de linguagem; (3) Comparação vantajosa: o comportamento danoso é comparado a atos mais reprováveis, de forma a diminuir a sua importância; (4) Deslocação de responsabilidade: atribuição da responsabilidade pelo comportamento a outra entidade, pessoa ou grupo; (5) Difusão da responsabilidade: a responsabilidade é partilhada com outros indivíduos, como o grupo de pares; (6) Distorção das consequências: as consequências do comportamento são atenuadas, distorcidas ou minimizadas, de forma a aliviar autossanções; (7) Desumanização: a autocensura podem ser desativada ao retirar qualidades humanas às pessoas; e (8) Atribuição de culpa: as vítimas são responsabilizadas pelos atos danosos que lhes foram acometidos, e a fuga à autossanção é conseguida através da crença que a conduta prejudicial foi forçada pelas circunstâncias e nomeadamente pelos comportamentos da vítima.

Na extensa literatura sobre o comportamento agressivo (Gini et al., 2014, 2015; Newman et al., 2020; Xie & Xie, 2019), os mecanismos do descomprometimento moral foram reconhecidos como estratégias importantes que permitem que pessoas “boas” se envolvam em condutas não éticas ativas, como a agressão direta (Caprara et al., 2014), e passiva, como a omissão (Paciello et al., 2013), sendo assim um fator chave para a promoção da legitimação e normalização da conduta agressiva e imoral (Paciello et al., 2021).

Estudos recentes mostraram que a moralidade e o raciocínio moral enviesado são preditores e moderadores relevantes para o comportamento agressivo (Gini et al., 2014, 2015; Lo Cricchio et al., 2020). Dentro dos diferentes tipos de raciocínio moral, o descomprometimento moral pode ser particularmente relevante, sendo identificado como um dos fatores desinibidores mais importantes que explicam uma diversidade de comportamentos agressivos e desviantes numa variedade de contextos (Bandura, 2002; Caprara et al., 2014; Gini et al., 2014; Lo Cricchio et al., 2020).

Bandura (2002) questionou quão mais fácil será envolvemo-nos em comportamentos que magoem outros, quando o dano é invisível para o perpetrador devido

à distância ou tempo entre o ato e a consequência. A distância física e temporal imposta no ciberespaço cria um distanciamento emocional que permite ao cyber agressor negligenciar as consequências emocionais dos seus atos agressivos (Hymel et al., 2005; Runions & Bak, 2015). A possibilidade de anonimato que a internet presenteia aos seus usuários, aumenta o nível de descomprometimento moral e permite, assim, o fácil recurso a mecanismos de pensamento que tendem a justificar o comportamento ofensivo/imoral e a silenciar a consciência (Bandura, 2002). Mais recentemente, a literatura sobre as redes sociais mostra que o descomprometimento moral está relacionado à conduta não ética online (Paciello et al., 2020, 2021).

Segundo Pornari e Wood (Pornari & Wood, 2010), na ausência de pistas sociais o cyber agressor pode não ter informação social adequada para uma percepção precisa do dano. Em vez disso, projetam as suas próprias interpretações das suas ações na vítima, distorcendo assim as consequências dos seus atos (Runions & Bak, 2015).

Níveis mais elevados de descomprometimento moral foram encontrados em cyber agressores (Pornari & Wood, 2010; Renati et al., 2012). Mais especificamente, parece que os perpetradores muitas vezes culpam a vítima pela agressão, comparativamente com as vítimas e os observadores, visto que este pensamento os ajuda a manter a sua autoimagem e os protege de receber críticas pelo seu comportamento (Bandura, 2002).

O comportamento de uma pessoa é o resultado de uma combinação complexa de vários determinantes. O descomprometimento moral não é uma característica estável, mas sim que flutua tendo em conta os processos psicológicos e traços sociais, como a empatia (Bandura, 2002). Isto explica porque é que diferentes estudos encontraram uma forte relação entre o descomprometimento moral e a empatia, e como a empatia é um preditor de descomprometimento moral (Ouvrein et al., 2018).

Esta ideia foi confirmada em diferentes estudos no contexto do comportamento agressivo e especificamente no bullying (Ouvrein et al., 2018). Outros autores defendem que pessoas com um nível alto de empatia podem imaginar-se mais facilmente na situação do outro, o que as faz reprimir processos de descomprometimento moral (C. Moore et al., 2012). Parlangeli et al. (2019), num estudo com 264 estudantes, investigaram a relação do descomprometimento moral e da empatia em atos ofensivos na internet, concluindo que os mecanismos de descomprometimento moral estão relacionados com comportamentos ofensivos, e que a empatia está ligada ao comportamento pró social (Parlangeli et al., 2019). Também uma investigação com uma amostra de 1255 adolescentes, que consistiu no estudo do descomprometimento moral e da empatia na

cyber agressão contra celebridades, mostrou uma relação positiva entre a empatia afetiva, o descomprometimento moral e a agressão online, sendo que a subescala da empatia cognitiva não obteve nenhuma relação significativa (Ouvrein et al., 2018).

### **O presente estudo**

Com o aumento do número de pessoas que utilizam as redes sociais e aplicativos com ligação à internet como forma de se relacionarem com os outros, é vital que sejam explorados os mecanismos de cyber agressão e os fatores que o podem inibir ou facilitar, como é o caso da empatia e do descomprometimento moral.

Tendo em consideração o estado da arte sobre esta temática, embora ainda pouco investigada e com resultados ambíguos, parte-se do pressuposto que existe uma relação entre os construtos de empatia e descomprometimento moral e o fenómeno da cyber agressão. Onde a empatia atua como fator protetor e inibidor de comportamentos agressivos, e o descomprometimento moral como facilitador destes comportamentos.

O presente estudo tem, assim, como objetivo principal, perceber se existe relação entre a empatia e o descomprometimento moral e a cyber agressão, e para isso delinearão-se as seguintes hipóteses:

H1: Um menor nível de cyber agressão relaciona-se com um maior nível de empatia;

H2: Um maior nível de cyber agressão relaciona-se com um maior nível de descomprometimento moral;

H3: Um maior nível de empatia relaciona-se com um menor nível de descomprometimento moral.

H4: Um maior nível de cyber agressão relaciona-se com um menor de empatia e um maior nível de descomprometimento moral.

Por último, o segundo objetivo deste estudo passa por explorar o fenómeno da cyber agressão de forma mais geral, com o intuito de perceber que tipologia de comportamentos é mais usada pela amostra, assim como a caraterização da mesma em termos sociodemográficos, na utilização das redes sociais, e em que tipo de intervenientes da cyber agressão se enquadram.



## Método

### Participantes

Este estudo conta com uma amostra total de 131 inquiridos, que participaram neste estudo através do preenchimento dos questionários em formato online, designadamente 37 indivíduos do género masculino (28,3%) e 94 do género feminino (71,8%), dos quais 36 se identificam com o género masculino (27,5%), 94 com o género feminino (71,8%) e 1 com outro (não binário) (0,8%), com idades compreendidas entre os 16 e os 65 anos ( $M = 36,17$ ;  $DP = 10,39$ ).

Destes participantes 129 são de nacionalidade portuguesa (98,5%), 1 de nacionalidade angolana (0,8%) e 1 de nacionalidade brasileira (0,8%), a residirem em Portugal continental, nomeadamente 36 na zona Norte (27,5%), 19 na zona Centro (14,5%), 73 na Área Metropolitana de Lisboa (55,7%), e 3 no Algarve (2,3%). Relativamente ao estado civil, 67 dos indivíduos são solteiros (51,1%), 52 encontram-se casados ou em união de facto (39,7%), 9 estão separados ou divorciados (6,9%) e 3 são viúvos (2,3%).

No que concerne às habilitações literárias, 1 participante afirma possuir um nível de escolaridade inferior ao 4º ano (0,8%), 3 participantes afirmam possuir o 9º ano (2,3%), 30 afirmam ter completado o ensino secundário (22,9%), 58 indicam possuir a licenciatura (44,3%), 35 afirmam ter completado o mestrado (26,7%) e 4 o doutoramento (3,1%).

Relativamente à situação profissional dos inquiridos, 15 são estudantes (11,5%), 109 encontram-se empregados (83,2%), 5 estão em situação de desemprego (3,8%) e 2 estão reformados (1,5%).

Os participantes foram também questionados sobre o uso de redes sociais e aplicações com ligação à internet, mais especificamente sobre quais destas redes sociais e aplicações utilizam, quais utilizam com maior frequência para fins pessoais e quantas horas, tipicamente, as utilizam durante o dia.

Relativamente às redes sociais e aplicações usadas, a maioria dos inquiridos, 57, utiliza um total de 4 redes sociais/aplicações (43,5%), 41 utiliza 3 (31,3%), 15 utiliza um total de 5 (11,5%), 14 inquiridos utilizam 2 redes sociais/aplicações (10,7%), 3 utilizam apenas 1 rede social/aplicação (2,3%), e 1 inquirido utiliza 6 redes sociais/aplicações (0,8%) ( $M = 3,53$ ;  $DP = 0,94$ ).

Destas redes sociais e aplicações, 129 dos inquiridos afirmam utilizar o whatsapp (98,5%), 109 utilizam o Facebook (83,2%), 18 usam o Twitter (13,7%), 105 dos

inquiridos utiliza o instagram (80,2%), 96 usam o Youtube (73,3%) e 8 utilizam outras redes sociais/aplicações (6,1%).

Relativamente à frequência de utilização, são utilizadas com maior frequência durante o dia pelos inquiridos o whatsapp (90,2%), o instagram (53,4%), e o Facebook (42%), seguindo-se do Youtube (20,6%), o twitter (4,6%) e outras redes sociais/aplicações (3,1%).

Quanto ao tempo dispensado nestas redes sociais e aplicações, 29 dos inquiridos afirmam despendar menos de 1 hora (22,1%), 80 indicam que as utilizam de 1 a 3 horas por dia (61,10%), 20 participantes afirmam gastar 4 a 6 horas (15,3%), 1 faz partido da sua utilização durante 7 a 9 horas por dia (0,8%) e 1 mais de 9 horas por dia (0,8%).

Para identificar os participantes como perpetradores, vítimas ou observadores de atos de cyber agressão, foram feitas questões sobre a sua participação nestes atos. 96 dos inquiridos afirmaram que nunca foram alvo de cyber agressão (73,3%), 27 afirmaram que sim (20,6%), e 8 responderam que não sabiam (6,1%). No caso dos observadores, 40 dos inquiridos responderam que nunca observaram atos de cyber agressão (30,5%), 83 responderam que sim (63,4%) e 8 responderam “não sei” (6,1%). Relativamente a terem tido comportamentos de cyber agressão, 112 afirmam que nunca o fizeram (85,5%), 9 afirmam que sim (6,9%) e 10 responderam “não sei” (7,6%).

## **Instrumentos**

### ***Ficha de Dados Sociodemográficos***

Foi construído um conjunto de questões sociodemográficas de forma a recolher informação sobre cada participante relativamente ao género, género, idade, nacionalidade, local de residência, escolaridade, estado civil, e situação profissional.

Com o objetivo de caraterizar a população relativamente à utilização de redes sociais e aplicações com ligação à internet, foram introduzidas no questionário sociodemográfico questões sobre as redes sociais mais usadas e o tempo dispensado nas mesmas durante um dia típico.

Foi também apresentada uma definição de cyber agressão, de forma a informar e contextualizar os participantes do estudo, seguida de três perguntas sobre o seu possível papel numa situação de cyber agressão, com o objetivo de distinguir entre possíveis perpetradores, vítimas e observadores. Assim o inquirido deveria responder se, segundo a definição, já tinha tido algum comportamento de cyber agressão, sido alvo ou assistido a um, tendo como opções de resposta sim, não e não sei.

***Cyber-Aggression Typology Questionnaire (CATQ)***

O Cyber-Aggression Typology Questionnaire (CATQ) é um instrumento que permite avaliar e distinguir quatro tipos distintos de cyber agressão com base no auto controle e motivação, com o objetivo de perceber qual a motivação para a agressão ocorrer e qual o nível de impulsividade ou auto controle recrutado na produção desse comportamento (Runions et al., 2017)

O questionário é constituído por 29 itens avaliados numa escala de 4 pontos de likert, desde não tem nada a ver comigo (1) a tem muito a ver comigo (4), que se dividem em quatro subescalas: raiva (12 itens), que pode ser caracterizada como dimensão aversiva impulsiva, ou seja, o comportamento agressivo é muitas vezes uma reação à provocação e outros estados emocionais aversivos, e surge com pouco ou nenhum auto controle; vingança (6 itens), que é definida como dimensão aversiva controlada, e consiste no comportamento agressivo como reação a provocação mas onde as capacidades de auto controle são exercitadas e a produção de agressão é mais calculada, surgindo como forma de retorno ou vingança; recompensa (6 itens), que refere-se à dimensão apetitiva controlada, onde o auto controle é exercido mas com o intuito de gerar efeitos positivos através de esforços deliberados, como obter status social através do comportamento agressivo; e recreação (5 itens), ou dita dimensão apetitiva impulsiva, que reflete a produção de comportamentos agressivos espontâneos sem consideração pelas suas consequências a longo prazo, que surge do efeito positivo imediato gerado pelo ato agressivo.

A cotação do CATQ é realizada através da soma de todos os itens do instrumento, e a soma das subescalas é feita através da soma dos itens de cada subescala. Quanto maior o resultado, maior o nível de cyber agressão.

Tendo em conta que o CATQ nunca foi traduzido e adaptado à população portuguesa, foi necessário fazer a sua tradução e adaptação.

Para avaliar as propriedades psicométricas do instrumento foi efetuada a análise da consistência interna, baseada na amostra de 50 participantes, através do coeficiente de Alpha de Cronbach cujo valor para a escala CATQ é de 0,90, e para as subescalas de raiva é de 0,75, de vingança é de 0,87, de recompensa é de 0,65 e de recreação é de 0,73. A escala CATQ apresenta uma boa consistência interna, assim como a maioria das suas subescalas.



### ***Questionário de Empatia Afetiva e Cognitiva (QEAC)***

Foi utilizado o Questionário de Empatia Afetiva e Cognitiva (QEAC) na versão traduzida e adaptada por Queirós, Fernandes, Reniers, Sampaio, Coutinho e Seara-Cardoso (2018) do original Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy (Reniers et al., 2011). Este instrumento tem como objetivo a medição da empatia cognitiva e afetiva em adultos, e contém 31 itens avaliados numa escala de 4 pontos de likert, desde discordo fortemente (1) a concordo fortemente (4).

Este questionário está dividido em duas dimensões, a empatia afetiva, que avalia a capacidade de ser sensível para com e de partilhar o estado emocional do outro, e a empatia cognitiva, que avalia a capacidade de compreender o estado emocional interno do outro, e por sua vez estas dimensões são divididas em subescalas. A empatia afetiva engloba três subescalas: contágio de emoção (4 itens), que é caracterizada pela capacidade de espelhar automaticamente o estado emocional do outro; responsividade proximal (4 itens), definida pelo estado emocional que é provocado através da percepção de sentimentos e humores de alguém próximo; e responsividade periférica (3 itens), caracterizada pela resposta emocional que emerge em resposta a contextos sociais que são mais socialmente desligados do sujeito. A empatia cognitiva engloba duas subescalas: tomada de perspetiva (10 itens), que consiste na capacidade de perceber algo através da perspetiva do outro; e simulação online (9 itens), que é caracterizada pela capacidade de tentativa de se colocar no lugar do outro e deduzir sobre o seu estado emocional (Queirós et al., 2018).

A cotação da empatia é realizada através da soma de todos os itens do instrumento. A soma das dimensões, cognitiva e afetiva, é feita através da soma dos itens de cada subescala. Quanto maior a cotação, maior o nível de empatia.

A análise da consistência interna do instrumento, baseada na amostra de 50 participantes, foi efetuada através do coeficiente de Alpha de Cronbach, cujo valor para a escala total QEAC é de 0,85, para as dimensões de empatia cognitiva é de 0,88 e de empatia afetiva de 0,80. Relativamente às subescalas da dimensão da empatia cognitiva o valor do alfa de cronbach é de 0,88 para tomada de perspetiva e 0,78 para simulação online, e no que concerne às subescalas da dimensão de empatia afetiva o valor do alfa de cronbach é de 0,75 para contágio de emoção, de 0,58 para responsividade proximal e 0,70 para responsividade periférica. Contudo neste estudo vamos focar-nos apenas na escala total e nas subescalas de empatia afetiva e empatia cognitiva.



### ***Moral Disengagement through Technology Questionnaire (MDTQ)***

O Moral Disengagement through Technology Questionnaire (MDTQ) é um instrumento baseado na escala de Descomprometimento Moral de Bandura, Barbaranelli, Caprara e Pastorelli (1996), adaptado às interações interpessoais em ambiente online (Marín-López, Ortega-Ruiz, Zych, & Monks, 2019; Marín-López et al., 2020).

O MDTQ é um questionário constituído por 16 itens, avaliados numa escala de 5 pontos de likert, desde totalmente em desacordo (1) a concordo totalmente (5), e distribuídos por 4 subescalas: Justificação moral (4 itens), caracterizada por motivos considerados importantes e que por isso justificam a agressão; difusão de responsabilidade (4 itens), que é a justificação da agressão pela carência de leis ou regras que o proíbam; distorção de consequências (4 itens), que consiste na percepção de que os insultos online não magoam nem prejudicam ninguém; e atribuição da culpa (4 itens), caracterizada pela atribuição da culpa à pessoa que é gozada.

A cotação deste questionário é realizada através da soma de todos os itens do instrumento. A soma das subescalas é feita através da soma dos itens de cada subescala. Quanto maior a cotação, maior o nível de descomprometimento moral.

Esta escala nunca foi traduzida e adaptada à população portuguesa, e foi por isso necessário fazer essa tradução e adaptação.

Para avaliar as propriedades psicométricas do instrumento foi efetuada a análise da consistência interna, baseada na amostra de 50 participantes, através do coeficiente de Alpha de Cronbach cujo valor para a escala MDTQ é de 0,85. Para as subescalas o valor do alfa de cronbach é de 0,77 para a justificação moral, de 0,76 para difusão de responsabilidade, de 0,77 para distorção de consequências e de 0,76 para atribuição da culpa. A escala total e as subescalas apresentam uma boa consistência interna.

### **Procedimento**

Em primeiro lugar, foi feito um pedido de autorização para a realização deste projeto à comissão de ética, do Instituto Universitário Egas Moniz, que concedeu a sua aprovação. Depois procedeu-se ao pedido das devidas autorizações aos autores dos questionários para a utilização dos mesmos, e para a tradução e adaptação dos instrumentos CATQ e MDTQ.

Foi efetuada uma primeira tradução dos questionários CATQ e MDTQ, o primeiro do inglês para o português e o segundo do espanhol para o português. Numa segunda fase procedeu-se à retroversão da tradução, o questionário em língua espanhol foi traduzido

por um indivíduo bilingue e o questionário em língua inglesa por um tradutor, o que permitiu a reformulação de alguns itens na versão portuguesa final.

Foi realizado um pré teste, dos instrumentos utilizados neste estudo, com 4 indivíduos de forma a detetar problemas de linguagem ou compreensão das questões dos instrumentos e cronometrado o tempo de preenchimento, que rondou os 10 minutos.

A versão final dos questionários foi disponibilizada online, durante um mês, pela plataforma google forms, e através da partilha em redes sociais (facebook e instagram) e aplicativos de mensagens com ligação à internet (whatsapp). Juntamente com o questionário constou um termo de consentimento informado e a explicação e objetivo do presente estudo.

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa de estatística IBM SPSS Statistics 27.

## Resultados

### Cyber Agressão

No instrumento relativo à cyber agressão, CATQ, é verificada uma pontuação total média de 38,31 (DP=6,43), com um mínimo de 33 e um máximo de 78 no nível total de cyber agressão. O que demonstra um nível baixo de cyber agressão na amostra.

No que respeita às subescalas, pode-se verificar que na subescala da raiva é verificada uma pontuação total média de 19,50 (DP=3,24), com um mínimo de 16 e um máximo de 41, na subescala da vingança é verificada uma pontuação total média de 6,83 (DP=1,90), com um mínimo de 6 e um máximo de 20, na subescala da recompensa é verificada uma pontuação total média de 6,32 (DP=0,86), com um mínimo de 6 e um máximo de 11, e, na subescala da recreação é verificada uma pontuação total média de 5,63 (DP=1,25), com um mínimo de 5 e um máximo de 12 (Tabela 1)

Pode-se aferir que em todas as subescalas foram encontrados valores sempre muito próximos do valor mínimo, com a subescala da raiva a ser a única que apresenta um valor um pouco superior, o que determina que os comportamentos de cyber agressão são motivados maioritariamente por sentimentos de raiva.

Tabela 1  
*Análise descritiva da escala CATQ*

|               | CATQ  | CATQ Raiva | CATQ Vingança | CATQ Recompensa | CATQ Recreação |
|---------------|-------|------------|---------------|-----------------|----------------|
| N             | 131   | 131        | 131           | 131             | 131            |
| Média         | 38,31 | 19,50      | 6,83          | 6,32            | 5,63           |
| Desvio Padrão | 6,43  | 3,24       | 1,90          | 0,86            | 1,25           |
| Mínimo        | 33    | 16         | 6             | 6               | 5              |
| Máximo        | 78    | 41         | 20            | 11              | 12             |

Para a variável género a média obtida, no género masculino, para a escala total de CATQ foi de 40,41 (DP=9,56), e para as suas subescalas foi de 20,51 (DP=4,62) para a raiva, 7,27 (DP=2,85) para a vingança, 6,51 (DP=1,17) para a recompensa e 6,11 (DP=1,81) para a recreação. Para o género feminino a média da escala total foi de 37,48 (DP=4,47), e para as suas subescalas foi de 19,11 (DP=2,41) para a raiva, 6,67 (DP=1,34) para a vingança, 6,26 (DP=0,70) para a recompensa e 5,44 (DP=0,89) para a recreação.

Contudo para aferir se existe uma diferença estatisticamente significativa entre o género masculino e o género feminino na cotação da escala da cyber agressão (CATQ), foi utilizado o teste não-paramétrico de Mann-Whitney, pois as variáveis em estudo não

cumprem o pressuposto de normalidade. Os resultados mostraram que apenas a subescala de recreação mostrou uma ligeira diferença entre a cotação média dos géneros ( $z=-1,984$ ;  $p=0,047$ ), com o género masculino a predominar ( $M=6,11$ ;  $DP=1,81$ ) sobre o género feminino ( $M=5,44$ ;  $DP=0,89$ ). Na escala geral não foram verificadas diferenças entre géneros, o que demonstra que não há relação entre a variável género e a cyber agressão.

Para o estudo da variável de habilitações literárias procedeu-se à formação de dois grupos, um grupo com os inquiridos com habilitações literárias iguais ou inferiores ao ensino secundário (26%), e outro grupo com os inquiridos que possuem um grau de licenciatura ou superior (74%). Recorreu-se mais uma vez ao teste não-paramétrico de Mann-Whitney, para identificar diferenças entre o nível de habilitações e a escala CATQ. Foi possível aferir que existem diferenças significativas no que concerne à escala total ( $z=-3,045$ ;  $p=.002$ ), especificamente denotando que pessoas com maior escolaridade têm um nível inferior de cyber agressão ( $M=37,23$ ;  $DP=4,32$ ) do que pessoas com menor nível de escolaridade ( $M=41,38$ ;  $DP=9,77$ ). Encontraram-se também diferenças nas subescalas de vingança ( $z=-3,259$ ;  $p=.001$ ), e de recreação ( $z=-3,912$ ;  $p=.000$ ), igualmente onde pessoas com maior escolaridade possuem um nível inferior de cyber agressão.

Relativamente ao número de redes sociais e aplicações utilizadas pelos inquiridos e a sua relação com a cyber agressão, procedeu-se ao teste de correlação do coeficiente de Pearson, onde não se verificou uma diferença estatisticamente significativa. O mesmo aconteceu na relação da cyber agressão com o número de horas dispensado por cada inquirido nas redes sociais e aplicações.

Das variáveis socio demográficas em estudo, mais nenhuma mostrou uma relação estatisticamente positiva com a escala da cyber agressão.

No questionário apresentado aos inquiridos, surge uma definição de cyber agressão seguida de três questões onde os participantes devem responder se já foram alvo deste tipo de atos, se já assistiram ou se já os perpetraram. A partir da resposta a estas questões foram criadas as variáveis vítimas, observadores e agressores.

Obteve-se uma percentagem de 20,6% de vítimas ( $n=27$ ), 6,9% de agressores ( $n=9$ ) e 63,4% de observadores ( $n=83$ ). Averiguou-se que 8 das vítimas são do género masculino (29,6%) e 19 do género feminino (70,4%). Relativamente aos observadores, 26 são do género masculino (31,3%) e 57 do género feminino (68,7%), e os agressores 3 são do género masculino (33,3%) e 6 do género feminino (66,7%).

Para testar a relação entre o género dos inquiridos e o seu papel na cyber agressão recorreu-se ao teste do qui-quadrado. Não se encontrou nenhuma relação estatisticamente

significativa entre o género e os indivíduos que afirmaram já terem sido vítimas de cyber agressão ( $\chi^2(2) = 2,756$ ;  $p = .252$ ), observadores ( $\chi^2(2) = 1,082$ ;  $p = .582$ ) e perpetradores ( $\chi^2(2) = 0,068$ ;  $p = .967$ ).

Relativamente às vítimas, agressores e observadores, procedeu-se ao teste não-paramétrico de Mann-Whitney, para uma comparação com a variável da cyber agressão (CATQ), e verificou-se uma diferença estatisticamente significativa apenas na subescala de vingança ( $z=2,973$ ;  $p=.003$ ) relativamente às vítimas ( $M=7,74$ ;  $DP=3,06$ ), o que depreende que as vítimas têm comportamentos agressivos mais direcionados para uma resposta a uma provocação ou ato que considerem provocatórios.

Não se encontrou nenhuma relação estatisticamente significativa nos restantes intervenientes, que relacionasse a cyber agressão com a resposta dada aos inquiridos sobre a sua participação neste fenómeno.

## Empatia

Relativamente à empatia, é verificada uma pontuação total média de 94,89 ( $DP=8,90$ ), com um mínimo de 69 e um máximo de 113 no nível total de empatia, o que demonstra um nível de empatia alto. Quanto à dimensão de empatia afetiva foi encontrada uma média de 33,49 ( $DP=4,98$ ) com um mínimo de 16 e máximo de 42, e na dimensão de empatia cognitiva verificou-se uma média de 61,40 ( $DP=6,72$ ) e um mínimo de 42 e máximo de 75.

Tabela 2  
*Análise descritiva da escala QEAC*

|               | QEAC Empatia | Empatia afetiva | Empatia cognitiva |
|---------------|--------------|-----------------|-------------------|
| N             | 131          | 131             | 131               |
| Média         | 94,89        | 33,49           | 61,40             |
| Desvio Padrão | 8,90         | 4,98            | 6,72              |
| Mínimo        | 69           | 16              | 42                |
| Máximo        | 113          | 42              | 75                |

A relação da escala de empatia (QEAC) com o género dos inquiridos, foi testada através do teste não paramétrico de Mann-Whitney, e revelou-se estatisticamente significativa para a escala de empatia total ( $z=3,136$ ;  $p=.002$ ), onde o género feminino ( $M=72,42$ ) mostrou níveis superiores de empatia ( $M=96,32$ ;  $DP=8,90$ ) comparativamente

ao género masculino ( $M=91,27$ ;  $DP=7,94$ ), e para a subescala de empatia afetiva ( $z=4,528$ ;  $p=.000$ ) onde o género feminino mostrou uma maior cotação ( $M=34,80$ ;  $DP=4,04$ ) do que o género masculino ( $M=61,08$ ;  $DP=6,18$ ).

Relativamente ao número de redes sociais e aplicações utilizadas pelos inquiridos e a sua relação com a empatia, procedeu-se ao teste de correlação do coeficiente de Pearson, onde se verificou uma diferença estatisticamente significativa apenas na subescala da empatia afetiva ( $r=.256$ ,  $p=.003$ ), verificando-se que a utilização de quatro e cinco redes sociais e aplicações estão associadas a maior empatia afetiva ( $M=33,74$ ;  $DP=4,19$ ;  $M=36,87$ ;  $DP=4,37$ ). O mesmo aconteceu na relação da empatia com o número de horas dispensado por cada inquirido nas redes sociais e aplicações, onde apenas a subescala da empatia afetiva obteve um resultado significativo ( $r=.275$ ,  $p=.001$ ), revelando que há uma diferença no nível de empatia afetiva consoante o tempo passado nas redes sociais e aplicações, mais especificamente nos indivíduos que passam entre 4 a 6 horas em redes sociais, ou aplicações com ligação à internet ( $M=35,80$ ;  $DP=3,79$ ).

Relativamente aos intervenientes, vítimas, observadores e agressores, também não se obteve nenhum resultado estatisticamente significativo.

Das variáveis socio demográficas em estudo, mais nenhuma mostrou uma relação estatisticamente positiva com a escala da empatia.

### Descomprometimento Moral

Na escala do descomprometimento moral verificou-se uma média de 21,53 (DP=6,56) com um mínimo de 16 e máximo de 47 no nível total de descomprometimento moral, o que revela que os participantes deste estudo possuem um nível relativamente baixo desta variável.

Quanto às suas subescalas verificou-se uma média de 5,40 (DP=2,11) com um mínimo de 4 e máximo de 13 na justificação moral, uma média de 5,01 (DP=1,95) com mínimo de 4 e máximo de 13 na difusão de responsabilidade, uma média de 4,72 (DP=1,70) com um mínimo de 4 e máximo de 14 na distorção de consequências, e uma média de 6,40 (DP=3,04) com mínimo de 4 e máximo de 19 na subescala de atribuição de culpa.

Tabela 3  
*Análise descritiva da escala MDTQ*

|               | MDTQ  | MDTQ<br>Justificação<br>moral | MDTQ<br>Difusão de<br>responsabilidade | MDTQ<br>Distorção de<br>consequências | MDTQ<br>Atribuição de<br>culpa |
|---------------|-------|-------------------------------|----------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|
| N             | 131   | 131                           | 131                                    | 131                                   | 131                            |
| Média         | 21,53 | 5,40                          | 5,01                                   | 4,72                                  | 6,40                           |
| Desvio Padrão | 6,56  | 2,11                          | 1,95                                   | 1,70                                  | 3,04                           |
| Mínimo        | 16    | 4                             | 4                                      | 4                                     | 4                              |
| Máximo        | 47    | 13                            | 13                                     | 14                                    | 19                             |

Para a variável género e a sua relação com o descomprometimento moral (MDTQ), aplicou-se o teste não-paramétrico de Mann-Whitney, e revelou-se uma diferença estatisticamente significativa entre géneros ( $z=-2,309$ ;  $p=.021$ ), onde o género feminino conta com uma média de 20,83 (DP=6,42) e o género masculino com uma média de 23,39 (DP=6,68), o que significa que o género masculino tem um nível superior de descomprometimento moral.

Na subescala de distorção de consequências encontra-se também uma diferença significativa ( $z=-2,568$ ;  $p=.010$ ), com maior cotação do género masculino ( $M=5,14$ ; DP=1,67) do que no género feminino ( $M=4,55$ ; DP=1,70), e finalmente na subescala de atribuição de culpa verifica-se uma diferença estatisticamente significativa ( $z=-2,452$ ;  $p=.014$ ) entre o género feminino, que aufere uma média de 6,03 (DP=2,94), inferior à média do género masculino ( $M=7,35$ ; DP=3,11).

Relativamente às habilitações literárias, foi possível verificar que existem diferenças significativas no que concerne à escala total ( $z=-3,484$ ;  $p=.000$ ), revelando que os indivíduos com maior escolaridade apresentam menores níveis de descomprometimento moral ( $M=20,36$ ;  $DP=5,49$ ) do que pessoas com menor nível de escolaridade ( $M=24,85$ ;  $DP=8,16$ ). Encontraram-se também diferenças nas subescalas de justificação moral ( $z=-2,551$ ;  $p=.011$ ), difusão de responsabilidade ( $z=-3,533$ ;  $p=.000$ ) e de atribuição de culpa ( $z=-3,275$ ;  $p=.001$ ), igualmente onde pessoas com maior escolaridade apresentam menores níveis de descomprometimento moral.

Relativamente aos intervenientes, vítimas, observadores e agressores, tal como no CATQ, só se obteve resultados no que diz respeito às vítimas, na escala total de descomprometimento moral ( $z=2,453$ ;  $p=0,015$ ) com uma média de 23,85 ( $DP=7,40$ ), e nas subescalas de justificação moral ( $z=2,523$ ;  $p=0,012$ ) com uma média de 6,52 ( $DP=1,76$ ) e atribuição de culpa ( $z=2,103$ ;  $p=0,035$ ) com uma média de 7,37 ( $DP=3,14$ ). O que explica que as vítimas usam estes mecanismos morais para justificar o seu comportamento agressivo. Se relacionarmos com a subescala de vingança, denota-se algum sentido que as justificações se foquem na responsabilidade e culpabilização do outro.

Relativamente ao número de redes sociais e aplicações utilizadas pelos inquiridos e a sua relação com o descomprometimento moral, procedeu-se ao teste de correlação do coeficiente de Pearson, onde não se verificou uma diferença estatisticamente significativa. O mesmo aconteceu na relação do descomprometimento moral com o número de horas dispensado por cada inquirido nas redes sociais e aplicações.

Das variáveis socio demográficas em estudo, mais nenhuma mostrou uma relação estatisticamente positiva com a escala do descomprometimento moral.

### **Relação entre Cyber Agressão, Empatia e Descomprometimento Moral**

Foi efetuada a correlação dos instrumentos, através do cálculo do coeficiente de Pearson, de forma a perceber a relação entre as três escalas em estudo e as suas subescalas.

Observou-se uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a escala de cyber agressão (CATQ) e a escala do descomprometimento moral (MDTQ) ( $r=.377$ ,  $p=.000$ ), com uma forte correlação entre si, o que significa que quanto maior o nível de cyber agressão, maior o nível de descomprometimento moral (Tabela 4)

Não foi verificada nenhuma correlação estatisticamente significativa, entre a escala da empatia (QCAE) e as escalas de descomprometimento moral (MDTQ) e cyber agressão (CATQ), embora o coeficiente de pearson tenha mostrado valores correlacionais negativos que mostram que quando os níveis de cyber agressão ( $r=-0,044$ ;  $p=.617$ ) e descomprometimento moral sobem ( $r=-0,053$ ;  $p=0,548$ ), os valores da empatia descem.

Relativamente às subescalas dos instrumentos, verificaram-se correlações positivas estatisticamente significativas entre a escala total CATQ e as subescalas de justificação moral do MDTQ ( $r=0,526$ ;  $p=.000$ ), difusão de responsabilidade ( $r=0,202$ ;  $p=.021$ ), e atribuição de culpa ( $r=0,227$ ;  $p=.009$ ). Também a escala total MDTQ apresentou correlações positivas estatisticamente significativas, e com uma forte correlação, com as subescalas de raiva do CATQ ( $r=0,312$ ;  $p=.000$ ), de vingança ( $r=0,316$ ;  $p=.000$ ), recompensa ( $r=0,381$ ;  $p=.000$ ) e de recreação ( $r=0,387$ ;  $p=.000$ ) (Tabela 4).

Entre as subescalas, correlacionaram-se positivamente as escalas de MDTQ justificação moral com todas as subescalas do CATQ, a raiva ( $r=0,462$ ;  $p=.000$ ), vingança ( $r=0,465$ ;  $p=.000$ ), recompensa ( $r=0,477$ ;  $p=.000$ ) e recreação ( $r=0,474$ ;  $p=.000$ ). A subescala de difusão de responsabilidade do MDTQ correlacionou-se de forma positiva com as subescalas de vingança do CATQ ( $r=0,191$ ;  $p=.029$ ), recompensa ( $r=0,222$ ;  $p=.011$ ) e recreação ( $r=0,254$ ;  $p=.003$ ). Relativamente à subescala de distorção de consequências do MDTQ só apresentou correlação com a subescala de recompensa do CATQ ( $r=0,174$ ;  $p=.047$ ). A subescala de atribuição de culpa do MDTQ correlacionou-se positivamente com todas as subescalas de raiva do CATQ ( $r=0,188$ ;  $p=.031$ ), de recompensa ( $r=0,251$ ;  $p=.004$ ) e de recreação ( $r=0,267$ ;  $p=.002$ ) (Tabela 4).

Mais uma vez o QCAE e as suas subescalas não obtiveram nenhuma correlação com os outros instrumentos em estudo (Tabela 4).

Tabela 4

Correlação de Pearson entre o CATQ, o MDTQ e o QCAE

|                             | CATQ   | CATQ Raiva | CATQ Vingança | CATQ Recompensa | CATQ Recreação |
|-----------------------------|--------|------------|---------------|-----------------|----------------|
| MDTQ                        | .377** | .312**     | .316**        | .381**          | .387**         |
| MDTQ                        | .526** | .462**     | .465**        | .477**          | .474**         |
| Justificação moral          |        |            |               |                 |                |
| MDTQ                        | .202*  | n.s        | .191*         | .222*           | .254**         |
| Difusão de responsabilidade |        |            |               |                 |                |
| MDTQ                        | n.s    | n.s        | n.s           | .174*           | n.s            |
| Distorção de consequências  |        |            |               |                 |                |
| MDTQ                        | .227** | .188*      | n.s           | .251*           | .267**         |
| Atribuição de culpa         |        |            |               |                 |                |
| QCAE                        | n.s    | n.s        | n.s           | n.s             | n.s            |
| QCAE afetiva                | n.s    | n.s        | n.s           | n.s             | n.s            |
| QCAE cognitiva              | n.s    | n.s        | n.s           | n.s             | n.s            |

\*\*A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\*A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

## Discussão

A evolução da tecnologia e da internet, e a sua ligação com a forma como nos relacionamos uns com outros é cada vez mais proeminente. Cada vez mais achamos que temos o direito e o dever de opinar e comentar sobre tudo a que sejamos expostos, muitas vezes com o esquecimento de que existem pessoas reais por detrás dos ecrãs, e que as consequências dos nossos atos podem ter uma dimensão maior que a que percebemos.

Segundo Pornari e Wood (Pornari & Wood, 2010), na ausência de pistas sociais o cyber agressor pode não ter informação social adequada para uma perceção precisa do dano. Em vez disso, projetam as suas próprias interpretações das suas ações na vítima, distorcendo assim as consequências dos seus atos (Runions & Bak, 2015).

Os resultados encontrados na presente investigação permitem-nos conhecer melhor o fenómeno da cyber agressão, e principalmente a sua relação com construtos individuais como a empatia e o descomprometimento moral, que duas dimensões de peso no relacionamento interpessoal.

Relativamente à confiabilidade da amostra, foi verificada uma boa consistência interna de todos os instrumentos utilizados, através do alfa de Chronbach.

Este estudo tinha como objetivos explorar o fenómeno da cyber agressão, e perceber se existe alguma relação entre a empatia e o descomprometimento moral e a cyber agressão, e para isso delinear-se as seguintes hipóteses:

H1: Um menor nível de cyber agressão relaciona-se com um maior nível de empatia: O presente estudo não conseguiu comprovar esta hipótese, pois não foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre a empatia e a cyber agressão. Apesar de existir literatura que saliente a ligação entre estas duas variáveis, e principalmente na componente da empatia afetiva (Ouvrein et al., 2018; Pornari & Wood, 2010; Renati et al., 2012; Runions & Bak, 2015; Soldatova & Rasskazova, 2019), também há estudos que não encontraram qualquer relação entre estas duas variáveis (Marín-López et al., 2020).

H2: Um maior nível de cyber agressão relaciona-se com um maior nível de descomprometimento moral: Esta hipótese foi comprovada neste estudo, onde foi possível observar uma relação estatisticamente significativa positiva entre a cyber agressão e o descomprometimento moral. Podemos então confirmar que o construto de descomprometimento moral tem uma relação com a cyber agressão, como é provado na maioria da literatura (Gini et al., 2014, 2015; Lo Cricchio et al., 2020; Runions et al., 2019).

No que concerne aos mecanismos inerentes a estas duas variáveis, foi possível averiguar que todas as subescalas de descomprometimento moral estão positivamente relacionadas com a cyber agressão, principalmente a escala de recompensa e justificação moral. O que pressupõe que estas são as estratégias mentais mais utilizadas pelos indivíduos para desculpar os comportamentos agressivos em contexto online. As subescalas da raiva, vingança e recreação do CATQ também mostraram uma relação positiva com o descomprometimento moral, o que mostra que estas são as motivações mais utilizadas pelo cyber agressor quando ativados os mecanismos de descomprometimento moral.

H3: Um maior nível de empatia relaciona-se com um nível menor de descomprometimento moral: Esta hipótese não foi comprovada, pois o construto de empatia, neste estudo, não se relacionou com nenhuma das outras escalas. Embora a maioria da existente literatura apoie a ligação da empatia com o descomprometimento moral (Bandura, 2002; Ouvrein et al., 2018; Parlangeli et al., 2019).

H4: Um maior nível de cyber agressão relaciona-se com um nível menor de empatia e um nível maior de descomprometimento moral: Esta hipótese foi só parcialmente provada, pois verificou-se a relação do descomprometimento moral com a cyber agressão, porém o construto de empatia não se relacionou com nenhuma das outras variáveis. Não podemos por isso dizer que a cyber agressão ocorre mais comumente quando existe a junção de níveis baixos de empatia com níveis altos de descomprometimento moral, como é sugerido por alguns estudos (C. Moore et al., 2012; M. J. Moore et al., 2012; Ouvrein et al., 2018; Parlangeli et al., 2019). A justificação para este resultado pode prender-se com os instrumentos em si, visto que o instrumento utilizado para o descomprometimento moral foi construído direcionado para o contexto do ciberespaço, e o instrumento da empatia não está direcionado para este contexto. E tanto a empatia como o descomprometimento moral, são construtos influenciados pelo contexto e meio ambiente (Marín-López et al., 2020; Miller & Eisenberg, 1988).

Para o segundo objetivo deste estudo, que se prendia com o estudo exploratório da cyber agressão, foi possível averiguar que, no que diz respeito à cotação geral da cyber agressão, a amostra estudada mostrou um nível baixo de cyber agressão, e que em todas as subescalas foram encontrados valores sempre muito próximos do valor mínimo, com a subescala da raiva a ser a única que apresenta um valor um pouco superior.

Podemos, por isso, determinar que quando existem comportamentos de cyber agressão estes são motivados maioritariamente por sentimentos de raiva, ou seja,

normalmente estes comportamentos são exercidos como resposta a atos provocatórios, sem que haja grande capacidade de pensamento, e apenas uma reação imediata sem grande controlo.

Relativamente ao género foi possível averiguar que não existem diferenças na relação entre esta variável e a cyber agressão, o que vai de encontro com a literatura existente, que conta com uma panóplia de resultados dispares (Paciello et al., 2021; Schoffstall & Cohen, 2011). Apenas se verificou uma relação positiva com o mecanismo de motivação da cyber agressão na vertente da recreação, que remete para comportamentos tidos para satisfação imediata e sem grande motivo para tal, onde o género masculino mostrou níveis superiores ao género feminino.

Relativamente à idade não foi encontrada nenhuma relação estatisticamente significativa entre esta e a cyber agressão, o que merece uma pesquisa mais aprofundada com uma amostra superior.

Dentro das variáveis sociodemográficas restantes, as habilitações literárias foi a única que apresentou uma relação estatisticamente significativa com a cyber agressão, mostrando que quanto menor a escolaridade maior é o nível de cyber agressão, e especificamente nas escalas da vingança e recreação. Contudo não foram encontrados estudos que suportem estes resultados.

No que concerne à utilização de redes sociais e aplicações com ligação à internet e a sua relação com a cyber agressão, também não se provou haver uma ligação entre ambos, apesar de existir literatura que refere o contrário (Runions & Bak, 2015).

Os participantes tiveram também a oportunidade de responder a perguntas sobre a sua participação na cyber agressão, depois de expostos a uma definição do conceito, e dividiram-se entre vítimas, observadores e agressores. Os resultados apresentados permitiram perceber que a maioria dos inquiridos se reviu como observador, seguido das vítimas e dos agressores, e todos eram, na sua maior percentagem, do género feminino. Contudo ao ser feita a relação entre os três intervenientes e a escala de cyber agressão, não houve nenhuma diferença estatisticamente significativa, apenas nas vítimas que demonstraram cotar na motivação da vingança, que pressupõe que a resposta agressiva acontece apenas em reação a uma provocação, e cotaram também no descomprometimento moral nas escalas de justificação moral e atribuição de culpa. Se relacionarmos estes últimos com a subescala de vingança, denota-se algum sentido que as justificações se foquem na responsabilidade e culpabilização do outro, pois trata-se de uma motivação reativa (Runions et al., 2017; Runions & Bak, 2015).

Apesar de não ser um dos objetivos, foi também estudada a relação da empatia e do descomprometimento moral com as variáveis sociodemográficas presentes na investigação.

As únicas variáveis que apresentaram resultados foram a variável género e o número de redes sociais utilizadas e a duração do tempo passado nas mesmas. A empatia revelou níveis superiores para o género feminino, tanto na escala total como na subescala de empatia afetiva. Este resultado converge com os estudos e literatura existente.

E no que respeita às redes sociais, ao contrário do que é acreditado, a empatia afetiva mostrou níveis mais elevados para quem utiliza mais redes sociais, e durante 4 a 6 horas por dia. Vossen e Valkenburg (2016), que examinou a relação entre a empatia e o uso de redes sociais, também já tinha encontrado resultados semelhantes, onde identificou que o uso de redes sociais ao longo do tempo está positivamente relacionado com o aumento de empatia cognitiva e afetiva, aumentando a capacidade de compreensão e partilha de sentimentos (Petersen, 2020).

No descomprometimento moral foi possível verificar que o género masculino mostrou níveis mais elevados, com destaque nas subescalas de distorção de consequências e atribuição de culpa, que são mecanismos que, respetivamente, minimizam as consequências do seu comportamento, e responsabilizam as vítimas pelo ato danoso cometido.

A variável das habilitações literárias também mostrou relação com o descomprometimento moral, revelando que maiores níveis de escolaridade mostram menos níveis de descomprometimento moral.

## Conclusão

Apesar dos inúmeros benefícios que a internet, as redes sociais e aplicações nos trazem, também abrem a porta para uma panóplia de comportamentos danosos, que podem ser executados com muita facilidade e leveza.

Fatores cognitivos individuais, como a empatia e o descomprometimento moral, que estão tão presentes nas nossas relações interpessoais, quando exercidos num contexto online, com características como a invisibilidade, a publicidade, a ausência de limites de espaço e tempo, podem agir como facilitadores ou inibidores de comportamentos agressivos, como a cyber agressão. A ausência de pistas sociais e emocionais inerentes ao ciber espaço, podem contribuir na diminuição dos níveis de empatia e até no raciocínio moral tendencioso, e resultar numa mudança de comportamento que não seria expectável numa situação “não virtual”.

A distância física e temporal imposta no ciberespaço cria um distanciamento emocional que permite negligenciar as consequências de atos agressivos (Hymel et al., 2005; Runions & Bak, 2015).

O objetivo primordial deste estudo era o de explorar o fenómeno da cyber agressão, e compreender se existe uma relação entre o mesmo e a empatia e o descomprometimento moral. De um modo geral, e de acordo com os resultados obtidos verificou-se, de facto, uma relação entre o descomprometimento moral e a cyber agressão, mas a empatia não apresentou qualquer relação com estes últimos dois construtos. O que pode significar que temos uma maior tendência a ativar os mecanismos de descomprometimento moral em contextos online, por falta de pistas sociais e emocionais.

Numa altura em que a maior parte da vida das pessoas passa pelo ciberespaço, torna-se realmente importante o estudo das temáticas inerentes a estes contextos, principalmente aquelas que podem resultar em consequências negativas e danosas.

Como todos os estudos, este não carece de limitações. Uma delas deve-se à difícil concetualização do conceito de cyber agressão. Tornou-se perceptível, ao longo desta investigação, que os termos de cyberbullying e de cyber agressão são facilmente misturados em todos os estudos efetuados dentro da temática da agressão no contexto do ciberespaço, o que torna a conceptualização de cyber agressão ambígua e pouca clara.

Outra limitação deste estudo prende-se com o facto de o questionário ser bastante longo, o que pode ter levado à falta de pensamento ponderado nas respostas, com o intuito de acabar o questionário mais depressa. Também ter sido realizado num contexto online

pode ter dado aso a dúvidas que não puderam ser colmatadas, o que pode ter enviesado as respostas.

Também o tamanho da amostra acabou por influenciar o tratamento de dados, por ser uma amostra pequena e não apresentar uma distribuição normal, onde a desproporção é bastante acentuada entre o género feminino e o género masculino, impossibilitou o uso de testes paramétricos na maioria dos casos, que usualmente são mais fortes estatisticamente.

Para estudos futuros seria interessante obter uma maior amostra de cyber agressores, para ser possível explorar as suas motivações mais a fundo. Seria também importante perceber se as pessoas que observam atos de cyber agressão optam por reagir, e se sim, de que forma.

Como relativamente à idade não foi encontrada nenhuma relação estatisticamente significativa, entre esta e a cyber agressão, fazia sentido um estudo comparativo com um grupo de indivíduos mais jovens, e com uma amostra significativamente maior, de forma a percebermos se existem realmente diferenças entre estes grupos, ou se a população adulta pode apresentar resultados similares.

Também seria pertinente um estudo comparativo entre o descomprometimento moral em contextos “offline”, ou ditos reais, e em contextos online, para se verificar se de facto o contexto online ativa mais facilmente os mecanismos de descomprometimento moral.

## Referências

- Almeida, A., Correia, I., & Marinho, S. (2010). Moral disengagement, normative beliefs of peer group, and attitudes regarding roles in bullying. *Journal of School Violence*, 9(1), 23–36. <https://doi.org/10.1080/15388220903185639>
- Antoniadou, N., Kokkinos, C. M., & Markos, A. (2019). Psychopathic traits and social anxiety in cyber-space: A context-dependent theoretical framework explaining online disinhibition. *Computers in Human Behavior*, 99(May), 228–234. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.05.025>
- Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101–119. <https://doi.org/10.1080/0305724022014322>
- Bandura, A. (2017). Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. *Recent Developments in Criminological Theory: Toward Disciplinary Diversity and Theoretical Integration*, 3(3), 135–151. <https://doi.org/10.4324/9781315799292-3>
- Bandura, A., Barbaranelli, C., & Caprara, G. V. (1996). *Mechanisms of Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency*. 71(2), 364–374.
- Caprara, G. V., Tisak, M. S., Alessandri, G., Fontaine, R. G., Fida, R., & Paciello, M. (2014). The contribution of moral disengagement in mediating individual tendencies toward aggression and violence. *Developmental Psychology*, 50(1), 71–85. <https://doi.org/10.1037/a0034488>
- Corcoran, L., Guckin, C., & Prentice, G. (2015). Cyberbullying or Cyber Aggression?: A Review of Existing Definitions of Cyber-Based Peer-to-Peer Aggression. *Societies*, 5(2), 245–255. <https://doi.org/10.3390/soc5020245>
- Cuff, B. M. P., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. J. (2016). Empathy: A review of the concept. *Emotion Review*, 8(2), 144–153.

<https://doi.org/10.1177/1754073914558466>

- Del Rey, R., Lazuras, L., Casas, J. A., Barkoukis, V., Ortega-Ruiz, R., & Tsorbatzoudis, H. (2016). Does empathy predict (cyber) bullying perpetration, and how do age, gender and nationality affect this relationship? *Learning and Individual Differences*, 45, 275–281. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2015.11.021>
- Dooley, J. J., Pyzalski, J., & Cross, D. (2009). Cyberbullying versus face-to-face bullying: A theoretical and conceptual review. *Journal of Psychology*, 217(4), 182–188. <https://doi.org/10.1027/0044-3409.217.4.182>
- Espejo-Siles, R., Zych, I., Farrington, D. P., & Llorent, V. J. (2020). Moral disengagement, victimization, empathy, social and emotional competencies as predictors of violence in children and adolescents. *Children and Youth Services Review*, 118(May), 105337. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105337>
- France, K., Danesh, A., & Jirard, S. (2013). Informing aggression-prevention efforts by comparing perpetrators of brief vs. extended cyber aggression. *Computers in Human Behavior*, 29(6), 2143–2149. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.05.011>
- Gámez-Guadix, M., Wachs, S., & Wright, M. (2020). “Haters back off!” psychometric properties of the coping with cyberhate questionnaire and relationship with well-being in Spanish adolescents. *Psicothema*, 32(4), 567–574. <https://doi.org/10.7334/psicothema2020.219>
- Ge, X. (2020). Social media reduce users’ moral sensitivity: Online shaming as a possible consequence. *Aggressive Behavior*, 46(5), 359–369. <https://doi.org/10.1002/ab.21904>
- Gini, G., Pozzoli, T., & Bussey, K. (2015). The Role of Individual and Collective Moral Disengagement in Peer Aggression and Bystanding: A Multilevel Analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 43(3), 441–452. <https://doi.org/10.1007/s10802->

014-9920-7

- Gini, G., Pozzoli, T., & Hymel, S. (2014). Moral disengagement among children and youth: A meta-analytic review of links to aggressive behavior. *Aggressive Behavior*, 40(1), 56–68. <https://doi.org/10.1002/ab.21502>
- Hilvert-Bruce, Z., & Neill, J. T. (2020). I’m just trolling: The role of normative beliefs in aggressive behaviour in online gaming. *Computers in Human Behavior*, 102(January 2019), 303–311. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.09.003>
- Hymel, S., Rocke-henderson, N., & Bonanno, R. A. (2005). Moral Disengagement : A Framework for Understanding Bullying Among Adolescents Moral Disengagement : A Framework for Understanding Bullying Among Adolescents. *Journal of the Social Sciences*, 8(1), 1–11.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 9(5), 441–476. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2003.03.001>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29(4), 589–611. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Lo Cricchio, M. G., García-Poole, C., te Brinke, L. W., Bianchi, D., & Menesini, E. (2020). Moral disengagement and cyberbullying involvement: A systematic review. *European Journal of Developmental Psychology*, 18(2), 1–41. <https://doi.org/10.1080/17405629.2020.1782186>
- Marín-López, I., Zych, I., Ortega-Ruiz, R., Monks, C. P., & Llorent, V. J. (2020). Empathy online and moral disengagement through technology as longitudinal predictors of cyberbullying victimization and perpetration. *Children and Youth Services Review*, 116(March), 105144.

<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105144>

Miller, P. A., & Eisenberg, N. (1988). The Relation of Empathy to Aggressive and Externalizing/Antisocial Behavior. *Psychological Bulletin*, 103(3), 324–344.

<https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.324>

Moore, C., Detert, J. R., Klebe Treviño, L., Baker, V. L., & Mayer, D. M. (2012). Why Employees Do Bad Things: Moral Disengagement and Unethical Organizational Behavior. *Personnel Psychology*, 65(1), 1–48. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6570.2011.01237.x>

Moore, M. J., Nakano, T., Enomoto, A., & Suda, T. (2012). Anonymity and roles associated with aggressive posts in an online forum. *Computers in Human Behavior*, 28(3), 861–867. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.12.005>

Newman, A., Le, H., North-Samardzic, A., & Cohen, M. (2020). Moral Disengagement at Work: A Review and Research Agenda. In *Journal of Business Ethics* (Vol. 167, Issue 3). <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04173-0>

Ouvrein, G., De Backer, C. J. S., & Vandebosch, H. (2018). Online celebrity aggression: A combination of low empathy and high moral disengagement? The relationship between empathy and moral disengagement and adolescents' online celebrity aggression. *Computers in Human Behavior*, 89(June), 61–69. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.07.029>

Paciello, M., D'Errico, F., Saleri, G., & Lamponi, E. (2021). Online sexist meme and its effects on moral and emotional processes in social media. *Computers in Human Behavior*, 116(June 2020), 106655. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106655>

Paciello, M., Fida, R., Cerniglia, L., Tramontano, C., & Cole, E. (2013). High cost helping scenario: The role of empathy, prosocial reasoning and moral disengagement on helping behavior. *Personality and Individual Differences*, 55(1), 3–7.

- <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.11.004>
- Paciello, M., Tramontano, C., Nocentini, A., Fida, R., & Menesini, E. (2020). The role of traditional and online moral disengagement on cyberbullying: Do externalising problems make any difference? *Computers in Human Behavior*, 103(December 2018), 190–198. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.09.024>
- Parlangeli, O., Marchigiani, E., Bracci, M., Duguid, A. M., Palmitesta, P., & Marti, P. (2019). Offensive acts and helping behavior on the internet: An analysis of the relationships between moral disengagement, empathy and use of social media in a sample of Italian students. *Work*, 63(3), 469–477. <https://doi.org/10.3233/WOR-192935>
- Petersen, O. (2020). *Empathy , perceived similarity , and online aggression*.
- Pornari, C. D., & Wood, J. (2010). Peer and cyber aggression in secondary school students: The role of moral disengagement, hostile attribution bias, and outcome expectancies. *Aggressive Behavior*, 36(2), 81–94. <https://doi.org/10.1002/ab.20336>
- Pyzalski, J. (2012). From cyberbullying to electronic aggression: Typology of the phenomenon. *Emotional and Behavioural Difficulties*, 17(3–4), 305–317. <https://doi.org/10.1080/13632752.2012.704319>
- Queirós, A., Fernandes, E., Reniers, R., Sampaio, A., Coutinho, J., & Seara-Cardoso, A. (2018). Psychometric properties of the questionnaire of cognitive and affective empathy in a Portuguese sample. *PLoS ONE*, 13(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0197755>
- Renati, R., Berrone, C., & Zanetti, M. A. (2012). Morally disengaged and unempathic: Do cyberbullies fit these definitions? An exploratory study. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(8), 391–398. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0046>

- Reniers, R. L. E. P., Corcoran, R., Drake, R., Shryane, N. M., & Völlm, B. A. (2011). The QCAE: A questionnaire of cognitive and affective empathy. *Journal of Personality Assessment*, 93(1), 84–95. <https://doi.org/10.1080/00223891.2010.528484>
- Runions, K. C. (2013). Toward a Conceptual Model of Motive and Self-Control in Cyber-Aggression: Rage, Revenge, Reward, and Recreation. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(5), 751–771. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9936-2>
- Runions, K. C., & Bak, M. (2015). Online Moral Disengagement, Cyberbullying, and Cyber-Aggression. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(7), 400–405. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.0670>
- Runions, K. C., Bak, M., & Shaw, T. (2017). Disentangling functions of online aggression: The Cyber-Aggression Typology Questionnaire (CATQ). *Aggressive Behavior*, 43(1), 74–84. <https://doi.org/10.1002/ab.21663>
- Runions, K. C., Shaw, T., Bussey, K., Thornberg, R., Salmivalli, C., & Cross, D. S. (2019). Moral Disengagement of Pure Bullies and Bully/Victims: Shared and Distinct Mechanisms. *Journal of Youth and Adolescence*, 48(9), 1835–1848. <https://doi.org/10.1007/s10964-019-01067-2>
- Schoffstall, C. L., & Cohen, R. (2011). Cyber aggression: The relation between online offenders and offline social competence. *Social Development*, 20(3), 587–604. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2011.00609.x>
- Segura, L., Estévez, J. F., & Estévez, E. (2020). Empathy and emotional intelligence in adolescent cyberaggressors and cybervictims. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(13), 1–14. <https://doi.org/10.3390/ijerph17134681>
- Slonje, R., Smith, P. K., & Frisén, A. (2013). The nature of cyberbullying, and strategies

- for prevention. *Computers in Human Behavior*, 29(1), 26–32.  
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.05.024>
- Soldatova, G. U., & Rasskazova, E. I. (2019). Tolerance, empathy, and aggression as factors in compliance with rules of online communication by Russian adolescents, young adults, and parents. *Psychology in Russia: State of the Art*, 12(2), 79–93.  
<https://doi.org/10.11621/pir.2019.0207>
- Whittaker, E., & Kowalski, R. M. (2015). Cyberbullying Via Social Media. *Journal of School Violence*, 14(1), 11–29. <https://doi.org/10.1080/15388220.2014.949377>
- Wright, M. F. (2020). The Role of Technologies, Behaviors, Gender, and Gender Stereotype Traits in Adolescents' Cyber Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(7–8), 1719–1738. <https://doi.org/10.1177/0886260517696858>
- Wright, M. F., & Li, Y. (2013). Normative Beliefs About Aggression and Cyber Aggression Among Young Adults: A Longitudinal Investigation. *Aggressive Behavior*, 39(3), 161–170. <https://doi.org/10.1002/ab.21470>
- Xie, D., & Xie, Z. (2019). Adolescents' online anger and aggressive behavior: Moderating effect of seeking social support. *Social Behavior and Personality*, 47(6), 1–10. <https://doi.org/10.2224/sbp.7976>
- Ybarra, M. L., & Mitchell, K. J. (2004). Online aggressor/targets, aggressors, and targets: A comparison of associated youth characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 45(7), 1308–1316.  
<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00328.x>
- Zhong, L. R., Keibell, M. R., & Webster, J. L. (2020). An exploratory study of technology-facilitated Sexual Violence in online romantic interactions: Can the Internet's toxic disinhibition exacerbate sexual aggression? *Computers in Human Behavior*, 108(February), 106314. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106314>

Zimmerman, A. G., & Ybarra, G. J. (2016). Online aggression: The influences of anonymity and social modeling. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(2), 181–193. <https://doi.org/10.1037/ppm0000038>